FACULDADE DO BAIXO PARNAÍBA
CURSO DE PEDAGOGIA

DARTICLEIA BORGES DA SILVA SANTOS
GEYSA PEREIRA SILVA
MARIA GOMES DE ALMEIDA FILHA

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA LEITURA E ESCRITA NO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Chapadinha
2014

DARITCLEIA BORGES DA SILVA
GEYSA PEREIRA SILVA
MARIA GOMES DE ALMEIDA FILHA

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA LEITURA E ESCRITA NO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Faculdade do Baixo Parnaíba (FAP) como requisito para a obtenção do Grau de licenciadas em Pedagogia.

Orientadora: Profª Ms. Francisca Rosinalva Cardoso Pereira Costa

Chapadinha
2014

DARTICLEIA BORGES DA SILVA SANTOS
GEYSA PEREIRA SILVA
MARIA GOMES DE ALMEIDA FILHA

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA LEITURA E ESCRITA NO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Faculdade do Baixo Parnaíba (FAP) como requisito para a obtenção do Grau de licenciadas em Pedagogia.

Orientadora: Profª Ms. Francisca Rosinalva Cardoso Pereira Costa

Aprovada em _____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA

_____
Profª. Francisca Rosinalva Cardoso Pereira Costa (Orientadora)
Mestre em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais
Faculdade do Baixo Parnaíba (FAP)

_____
1º Examinador

_____
2º Examinador

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pelo dom da vida, saúde, amor e sabedoria.

À minha família que me apoiou e me ajudou durante todo o curso, em especial minha mãe, Maria das Graças, meus filhos e meu esposo, estes foram suportes importantes durante toda a minha caminhada.

À minha querida equipe que esteve ao meu lado desde o início do curso, com todos eu aprendi muito, rompemos barreiras, desmistificamos preconceitos, vivemos momentos especiais e também tristes, madrugadas em claro, mas tudo valeu muito à pena.

À querida professora Rosinalva Cardoso, nossa orientadora, por sua amizade, paciência, compreensão e orientação segura.

A todos os professores do curso de Pedagogia, fica minha eterna gratidão a todas as pessoas que me ajudaram às quais levarei para sempre em minha memória e no meu coração.

Daritcleia Borges da Silva

A Deus, pela graça alcançada no cumprimento deste trabalho e pela força dada na conclusão desse curso.

À minha família, em especial minha mãe, Assunção de Maria, meu pai, Gilberto Valadares, e meu filho do coração, Bruno Henrique, pelo apoio, carinho e amor que sempre me deram.

A todos da Faculdade do Baixo Parnaíba (FAP), professores, funcionários meus colegas de sala de aula, em especial à professora Raimunda Nonata Fortes Braga, pela oportunidade de realização deste meu sonho.

À minha orientadora, Professora Rosinalva Cardoso, por sua orientação e compreensão no decorrer desse trabalho.

Aos meus amigos, Raquel Pontes, José de Ribamar Siqueira, Maycon Siqueira, Josivânia Silva e Cláudia, pelo apoio e compreensão em todos os momentos dessa caminhada, considero essa vitoria não só minha, mas nossa pelo imenso amor e incentivo que recebi de todos.

Às minhas colegas e parceiras de trabalho, Maria Gomes de Almeida Filha e Darticleia Borges da Silva, pela paciência e colaboração. Agradeço também

à minha equipe que esteve comigo durante o curso, Waleria Reijane, Francisca Pereira e Alberdânia Cristina.

Geysa Pereira Silva.

Primeiramente a Deus, por me conduzir até aqui me dando forças para continuar esse caminho.

Às minhas filhas, Tays e Talyne, e meu esposo, José Pereira da Silva, pelo incentivo sempre.

À minha mãe, Maria Gomes de Almeida, por tudo aquilo que me ensinou e pelos momentos de dificuldades que enfrentamos, mas que não impediram que me dessem todo apoio necessário, financeiro e humano, desde a educação infantil.

À professora Raimunda Nonata Fortes Braga, gestora desta instituição de ensino, à qual me deu forças para prosseguir nessa jornada pedagógica.

Aos meus colegas de salas, em especial minhas colegas de trabalho, Alberdânia Cristina, Waléria Reijane, Geysa Silva, Francisca Pereira e Darticléia Borges.

A todos os professores pela atenção e pela ajuda, principalmente no início do processo.

À minha orientadora, Professora Francisca Rosinalva Cardoso Pereira Costa, pelo apoio constante e por fazer parte dessa caminhada junto comigo.

Maria Gomes de Almeida Filha

“Para que a ideia de alfabetização ganhe significado, deve ser situada dentro de uma teoria de produção cultural e encarada como parte integrante do modo pelo qual as pessoas produzem, transformam e reproduzem significados”.

Paulo Freire

RESUMO

Esta monografia teve como objetivo refletir sobre aspectos relacionados às dificuldades de aprendizagem na aquisição da leitura e escrita no 3º ano do Ensino Fundamental. Para tanto, realizou-se uma pesquisa na escola Algodão Doce à qual pertence à rede municipal de Chapadinha-MA. A pesquisa classifica-se quanto à forma de abordagem do problema como quantitativa e qualitativa, quanto aos objetivos como exploratória e quanto aos meios como pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. Quanto à amostra, contou-se com a participação de 32 alunos do 3º ano do Ensino Fundamental e da professora dos mesmos. O instrumento de coleta de dado utilizado na pesquisa foi o questionário. Os resultados apontaram que as dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita no Ensino Fundamental são decorrentes de inúmeros fatores, dentre eles destaca-se a falta de incentivo da família. Portanto, é preciso que a escola implante em seu espaço ações voltadas para a formação de leitores em um trabalho coletivo com a família. Acredita-se que as práticas de leitura permanentes na escola despertam no aluno o gosto pela leitura.

Palavras-chaves: Dificuldades de aprendizagem. Leitura e Escrita. Fracasso escolar.

ABSTRACT

This monograph aims to reflect on aspects related to learning difficulties in the acquisition of reading and writing in the 3rd grade of elementary school. Thus, we performed a search on the Escola Algodão Doce belongs to the municipal Chapadinha-MA. The survey classified themselves as to how to approach the problem as quantitative and qualitative, about the objectives as exploratory and as to the means as literature and field research. As the sample was counted with the participation of 32 students from the 3rd grade of elementary school and the teacher of the same. The data collection instrument used in the research was the questionnaire. The results showed that learning difficulties in reading and writing in elementary school are due to several factors, among them stands the lack of encouragement from family. Therefore, it is necessary to implant the school in its space actions aimed at educating readers in a collective work and family. It is believed that the practice of permanent reading in school awaken in students a love ofreading.

Keywords: Learning Disabilities. Reading and Writing. School failure.

SUMÁRIO

		P
1	**INTRODUÇÂO**.....	9
2	**REFLEXÕES SOBRE A ALFABETIZAÇÃO**.....	11
2.1	**Processos de aquisição da leitura e da escrita**.....	15
3	**LEITURA E ESCRITA**.....	20
3.1	**Concepções de leitura e escrita**.....	20
3.2	**Importância da leitura e da escrita**.....	23
4	**DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM**.....	26
4.1	**Fatores que dificultam a aprendizagem da leitura e da escrita**.....	27
4.2	**Das dificuldades de aprendizagem ao fracasso escolar**.....	30
5	**RESULTADOS E DISCUSSÃO**.....	34
5.1	**Caracterização da escola-campo**.....	34
5.2	**Análise do questionário aplicado ao professor**.....	35
5.3	**Análise do questionário aplicado aos alunos**.....	41
6	**CONCLUSÃO**.....	45
	REFERÊNCIAS	47
	APÊNDICES	50

1 INTRODUÇÃO

O domínio da leitura é importante para a formação do indivíduo para que este atue na sociedade de maneira crítica e reflexiva, portanto, é um processo desafiador e requer que a escola adote essa atividade no espaço da sala de aula como uma prática permanente.

A leitura é um processo que ativa uma série de noções na mente do leitor. A leitura reestrutura ideias e expectativas e amplia os conhecimentos diante das coisas e do mundo.

O domínio da língua oral e escrita é fundamental para que o sujeito participe ativamente da vida social, para tanto é preciso que a escola possibilite ao aluno a ampliação dos seus conhecimentos através de metodologias inovadoras.

Deste modo, o presente trabalho teve como objetivo principal discutir acerca das dificuldades de aprendizagem na aquisição da leitura e escrita especificamente no 3º ano do Ensino Fundamental, observando as práticas de leitura no espaço da sala de aula. A escolha pela turma de 3º ano deu-se pelo fato de este ser o último ano do ciclo de alfabetização no qual no aluno deve sair lendo e escrevendo convencionalmente.

A temática em questão surgiu da seguinte inquietação: Como superar os problemas de aprendizagem de leitura e escrita apresentados no espaço da sala de aula? Neste trabalho procurou-se entender ainda, o que são as dificuldades de aprendizagem? Quais fatores são responsáveis? Como a prática pedagógica contribui para amenizar esses problemas? De posse dessas informações propõe-se algumas alternativas que podem vir melhorar a prática pedagógica e consequentemente amenizar tais problemas.

A presente pesquisa foi fundamentada nas teorias de Ferreiro e Teberosky (1999), Silva (2005), Furtado (2011), Jardim (2010), Nunes (2007), Freire (2010), dentre outros.

Quanto à estrutura, o trabalho foi dividido em capítulos sendo o primeiro de caráter introdutório; no segundo capítulo, fez-se algumas considerações acerca do processo de alfabetização, refletindo-se sobre o processo de aquisição da leitura e escrita. No terceiro capítulo, destacou-se algumas concepções de leitura e escrita enfatizando a importância de ambas; no quarto capítulo, discutiu-se acerca dos

fatores que dificultam a aprendizagem da leitura e escrita e que são responsáveis pelo fracasso escolar; o quinto capítulo analisou e discutiu os resultados da presente pesquisa; o sexto e último capítulo fez algumas considerações acerca dos resultados obtidos e propôs algumas alternativa para amenizar os problemas destacados na pesquisa em foco.

2 REFLEXÕES SOBRE A ALFABETIZAÇÃO

Historicamente a alfabetização caracterizou-se pela visão de ensino da leitura e escrita. Entretanto, a partir da década de 80, essa concepção foi mudando com a colaboração de pesquisas realizadas por Ferreiro e Teberosky (BRASIL, 2007).

Ferreiro e Teberosky (1999) destacam que a aprendizagem da leitura e escrita não se limitam apenas ao poder de saber ler e escrever, as referidas autoras se referem a esse aprendizado do símbolo da escrita como uma relação estabelecida entre grafemas e fonemas, destacam também que quando a criança está aprendendo a ler e escrever cria expectativas muito maiores em relação à atividade do sistema de leitura e escrita, constrói ideias.

De acordo com o Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries iniciais do Ensino Fundamental:

> O domínio dos conhecimentos que permitem o uso dessas habilidades nas práticas sociais de leitura e escrita. É diante dessas novas exigências que surge uma nova adjetivação para o termo – alfabetização funcional – criada com a finalidade de incorporar as habilidades de uso da leitura e da escrita em situações sociais e, posteriormente, a palavra letramento (BRASIL, 2007, p. 10).

Percebe-se que gradativamente o conceito de alfabetização foi mudando, ou seja, aquela ideia de que os alunos tinham apenas que decodificar os símbolos da escrita deixou de existir. É preciso que haja uma ligação do ensino da escrita e leitura com a realidade na qual o aluno está inserido, além de ler e escrever é preciso apropriar-se desses códigos.

Com o passar do tempo, passou-se a usar a palavra alfabetização se referindo apenas ao começo da leitura e escrita e a palavra letramento para se referir ao resultado do ensino de leitura e escrita na qual o sujeito utiliza esses ensinamentos em seu convívio social.

Para Duarte e Rossi (2014), os métodos utilizados para alfabetizar em décadas passadas, se referiam apenas ao depósito de conhecimentos sobre o aluno sem fazê-lo refletir acerca da sua realidade, constatando assim que, esses professores não tinham uma formação adequada.

Ainda de acordo com Duarte e Rossi (2014), o ensino tradicional era focado apenas na junção de palavras em que o aluno decorava tanto a escrita das

letras quanto o som, ademais até chegar nessa memorização havia várias cópias, o que fazia da criança um agente passivo, pois ela não construía conhecimentos, era apenas uma reprodutora.

Referindo-se à aquisição da escrita, Ferreiro (2011, p.10 grifo do autor) enfatiza que esta é feita por etapas:

> [...] há uma série de modos de representação que precedem a representação alfabética da linguagem; sabemos que esses modos de representação pré-alfabéticos se sucedem em certa ordem: primeiro, vários modos de representação alheios a qualquer busca de correspondência entre a pauta sonora de uma emissão e a escrita; depois, modos e representações silábicos (com ou sem valor sonoro convencional) e modos de representação silábicos-alfabéticos que precedem regulamente a aparição da escrita regidas pelos princípios alfabéticos.

Conforme a referida autora, a prática de leitura e escrita acontece pouco a pouco. Assim, todos os processos de desenvolvimento da leitura e escrita construídos pelo aluno devem ser considerados como um grande avanço, pois essa conquista representa para ele algo significativo.

Ferreiro (2011, p. 23) ressalta ainda que:

> O desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida, em um ambiente social. Mas as práticas sociais, assim como as informações sociais, não são recebidas passivamente pelas crianças. Quando tentam compreender, elas necessariamente transformam o conteúdo recebido. Além do mais, a fim de registrarem a informação, elas a transformam. Este é o significado profundo da noção de assimilação que Piaget colocou no âmago de sua teoria.

Nesse sentido, o processo de alfabetização acontece em um contexto social, porém, os acontecimentos e as notícias do seu meio social não são recebidas pela criança sem ela interagir com esses fatos, pois, a criança pensa sobre eles.

Ferreiro (2011) aponta que o ato de ler desenvolvido na escola deve atentar para as experiências vividas do aluno, visto que ele antes de frequentar a escola observa ao seu redor uma diversidade enorme de textos escritos.

> O ato de leitura não pode ser concebido como uma adição de informação (informação visual+informaçãonão-visual). O ato de leitura deve ser concebido como um processo de coordenação de informações de procedências diversificada com todos os aspectos inferenciais que isso supõe, e cujo objetivo final é a obtenção de significado expresso linguisticamente (FERREIRO, 2011, p. 66 grifo do autor).

Diante do exposto, depreende-se que a prática de leitura não pode ser compreendida como uma soma de informações, como ato mecânico, onde o professor simplesmente transmite informações sem promover discussões e sem fazer os alunos relacionarem a leitura feita com sua leitura de mundo.

Observa-se que o processo de alfabetização mudou muito ao longo dos anos, pois, a alfabetização nos dias atuais, não é mais concebida como o simples ato de ler e escrever tecnicamente, ou seja, não basta apenas a criança aprender ler e escrever de maneira superficial, precisa também interpretar tal ação relacionando com sua realidade.

Depreende-se que cada traçado feito pela criança representa algum significado e precisa ser valorizado, pois cada rabisco contém um texto baseado em um contexto vivido por ela. As crianças quando chegam à escola já têm noção de que a escrita tem uma finalidade, cabe à escola sistematizar esses conhecimentos trazidos por elas para que se suceda em novos conceitos.

Segundo Ferreiro (2011), a maneira como os professores têm alfabetizado os alunos tem causado grande discussão sobre as estratégias usadas, sucedendo confrontos entre os métodos, analíticos, sintéticos, fonéticos e globais dentre outros. Os procedimentos utilizados pelos educadores, geralmente iniciam pelas partes simples e só depois partem para os mais difíceis.

Para Ferreiro e Teberosky (1999, p. 21 grifo do autor), os professores tentam buscar meios mais eficientes, causando assim, confusão entre o método sintético e o analítico.

> Tradicionalmente, conforme perspectiva pedagógica, o problema da aprendizagem da leitura e da escrita tem sido exposto como a questão de métodos. A preocupação dos educadores tem sido voltada para busca do “melhor” ou “mais eficaz” deles, levantando-se, assim, uma polemica em torno de dois tipos fundamentações: métodos sintéticos, que partem de elementos menores que a palavra, e métodos analíticos, que partem da palavra ou de unidades maiores.

Observa-se que a questão dos métodos de alfabetização ainda preocupa e confunde muito os educadores, pois muitos adotam métodos sintéticos, no qual iniciam o processo de alfabetização a partir das letras, depois as sílabas e por fim os textos, tentando dessa forma desenvolver uma boa aprendizagem, enquanto outros fazem ao contrário iniciam o ensino da escrita a partir de textos.

A prática do método sintético cuida da relação entre a fala e a escrita, iniciando o processo de alfabetização a partir das partes para o todo, enquanto que o método analítico parte do todo para as pequenas partes, ou seja, inicia o processo de alfabetização a partir de textos para então chegar-se às partes menores que são as letras.

Referindo-se a isso, Carvalho (2005, p. 45) ressalta que:

> Para colher bons resultados na alfabetização, penso que é necessário ensinar as relações letras-sons de forma sistemática, mais sem rigidez, evitando que o ensino fique excessivamente centrado na decodificação. Quando falo em ausência de rigidez, quero dizer, embora a professora tenha em mente ensinar as letras ou as palavras-chave numa determinada ordem, se estiver atenta à realidade à sua volta, descobrirá assuntos ou acontecimentos importantes que despertam a curiosidade infantil e podem ser traduzidos em palavras e frases. É uma maneira de aumentar a motivação, para aprender a ler, daqueles que não se mostram especialmente interessados.

Nesse sentido, ensinar a criança a ler e a escrever não é tarefa fácil, considerando que essa prática é muito difícil e requer que o responsável por essa ação tenha conhecimentos necessários a respeito de como a criança constrói conhecimentos, ajudando-a a desenvolver suas capacidades e atingir seu potencial.

Nessa mesma direção, Duarte e Rossi (2014) destacam que: “Para alfabetizar o professor precisa conhecer a língua que ensina sua estrutura e seu funcionamento. Para que possa produzir mudanças, ele precisa buscar esse conhecimento e aplicá-lo em sua sala de aula”. Evidencia-se que o professor alfabetizador precisa ter um preparo adequado e dominar sua língua padrão.

Complementando o exposto, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil ressalta que:

> Aprender a falar, portanto, não consiste apenas em memorizar os sons e palavras, a aprendizagem da fala pelas crianças não se dá de forma desatirculada com a reflexão, o pensamento, explicitação de seus atos, sentimentos, sensações e desejos. [...] É por meio desse contato diversificado em seu ambiente social que as crianças descobrem o aspecto funcional da comunicação escrita, desenvolvendo interesse e curiosidade por essa linguagem (BRASIL, 1998, p.125).

Dessa forma, o processo de ensinar a ler e a escrever vai além da memorização e da percepção, ou seja, a criança que está em processo de alfabetização precisa construir conhecimentos baseados em seu contexto social. Assim, a leitura e a escrita estão associadas uma a outra e o aluno precisa entender que ambas representam fundamental importância para a sua participação na sociedade.

Pires, Ferreira e Lima (2014) referindo-se também sobre o processo de alfabetização, enfatizam que:

> Entendemos que esse processo de alfabetizar mecanicamente acentuou-se com a revolução industrial, pois a indústria tinha como finalidade maior produzir para aumentar os lucros, nem que para isso tivesse que alienar as pessoas. Essa foi uma forma não só de obter lucro, mas também poder e de expandir o sistema capitalista. E essa forma de alfabetizar reproduzindo é baseada nesse modelo de produção capitalista. Hoje, com a revolução técnico-científica essa forma de alfabetizar não é mais bem vista. Dessa

> forma, com a transformação da sociedade, busca-se hoje a formação de um indivíduo não só para ler e escrever, mas também para criticar e avaliar o que lê.

Desse modo, a maneira como os alunos eram alfabetizados tradicionalmente não permitia o sujeito pensar sobre sua realidade, seus problemas sociais, pois o capitalismo preocupava-se apenas em reproduzir mãos de obras, ou seja, queriam somente atender seus interesses pessoais, portanto, para eles quanto menos o sujeito pensasse melhor.

Hoje, a visão é outra, o sujeito deve ser preparado não apenas para o mercado de trabalho, mas também para o social. Nesse sentido, evidencia-se que o ensino da leitura e da escrita nos dias atuais deve favorecer ao aluno condições de ele se tornar um ser crítico e ativo.

Ratificando o exposto Freire (1990, p. 90) ressalta que:

> A alfabetização não pode ser encarada simplesmente como o desenvolvimento de habilidades que vise à aquisição da língua padrão dominante. Esse modo de ver sustenta uma ideia de ideologia que, sistematicamente, antes rejeita do que torna significativas as experiências culturais dos grupos linguísticos subalternos que são, de modo geral, objeto de suas políticas. Para que a ideia de alfabetização ganha significado, deve ser situada dentro de uma teoria de produção cultural e encarada como parte integrante do modo pelo qual as pessoas produzem, transformam e reproduzem significados.

A alfabetização deve ser vista como forma de libertação das opressões, pois o sujeito consciente deve exercer sua cidadania plenamente e transformar a sociedade na qual está inserido.

> Alfabetização é parte do processo pelo qual alguém se torna autocrítico a respeito da natureza historicamente construída de sua própria experiência. Ser capaz de nomear a própria experiência é parte do que significa “ler” o mundo e começar a compreender a natureza política dos limites bem como das possibilidades que caracterizam a sociedade mais ampla (FREIRE 1990, p.7-8 grifo do autor).

Conforme as considerações do autor, a alfabetização é o caminho que possibilita o sujeito compreender o seu próprio mundo, uma vez que é através do domínio da leitura e da escrita o sujeito passa a questionar os problemas existentes em seu meio e dá a ele condições de buscar meios de solucionar tais problemas, tornando-o um sujeito livre, ativo e participativo no mundo no qual ele vive. Dessa forma, a alfabetização é fundamental para a vida do sujeito no meio social.

2.1 Processo de aquisição da leitura e da escrita

De acordo com Ferreiro e Palácio (1987), a conquista da leitura e da escrita se dá mediante vários procedimentos. A leitura segundo a autora se desenvolve a partir da busca de significados dos símbolos da escrita para atingir um objetivo.

> A leitura, como qualquer atividade humana, é uma conduta inteligente. As pessoas não respondem simplesmente aos estímulos do meio; encontram ordem e estrutura no mundo de tal maneira que podem aprender a partir de suas experiências, antecipá-las e compreendê-las (FERREIRO, 1987, p.16).

Nesse sentido, a leitura é uma habilidade que o sujeito utiliza para obter informações acerca daquilo que ele procura. O sujeito através da leitura aprende a se posicionar no mundo de maneira diferente. O sujeito leitor não ler simplesmente por ler, mas busca compreender o que acontece em seu meio a partir da leitura.

> Os leitores desenvolvem estratégias para trabalhar com o texto de tal maneira que seja possível construir significado, ou compreendê-lo. Usam-se estratégias na leitura, mas também essas estratégias se desenvolvem e se modificam durante a leitura. Com efeito, não há maneira de desenvolver estratégias de leitura a não ser através da própria leitura. Os leitores desenvolvem estratégias de seleção (FERREIRO, 2011, p.17).

Entende-se que o sujeito leitor utiliza metodologias no ato da leitura de modo que ele seja capaz de interpretá-lo, no entanto, as maneiras que ele usa a fim de entender o que ler varia durante a busca de significados dos signos. A única maneira eficiente de desenvolver a habilidade de leitura é através da prática de leitura constante, além disso, o melhor e mais eficiente meio é o leitor escolher textos que conste realmente aquilo que busca.

Ferreiro (2011, p. 17) destaca ainda que:

> O leitor deve selecionar desses índices somente aqueles que são mais úteis. Se os leitores utilizassem todos os índices disponíveis, o aparelho perceptivo ficaria sobrecarregado com informação desnecessária, inútil ou irrelevante. Mas o leitor pode eleger somente os índices mais produtivos, em função de estratégias baseadas em esquemas que desenvolvem pelas características do texto e significado.

Ferreiro e Palacio (1987) ressaltam ainda que as mensagens contêm pausas e organizações e os sujeitos constroem ideias ao passo em que interpretam o comando das palavras relacionando-as com suas experiências vividas, sendo capaz de criar hipótese sobre o texto, ou seja, ele prevê aquilo que o texto quer dizer, usando todas as possibilidades a fim de compreendê-lo, o que a autora chama de predição.

Referindo-se à inferência, outra estratégia de leitura, Ferreiro e Palacio (1987, p. 17) enfatizam que:

> A inferência é um meio poderoso através do qual as pessoas complementam a informação disponível utilizando o conhecimento conceitual e linguístico e os esquemas que já possuem. Os leitores utilizam estratégias de inferência para inferir o que não está explícito no texto. Mas também inferem coisas que se farão explícitas mais adiante. A inferência é utilizada para decidir sobre o antecedente de um pronome, sobre a relação entre caracteres, sobre as preferências do autor, entre outras tantas coisas. Pode-se inclusive utilizar a inferência para decidir o que o texto deveria dizer quando há um erro de imprensa. As estratégias de inferência são tão utilizadas que raras vezes os leitores recordam exatamente se um determinado aspecto do texto estava explícito ou implícito.

Desse modo, a intervenção do sujeito em busca do que o texto quer dizer é um meio bastante relevante, uma vez que ao fazer tais inferências, o sujeito usa aqueles conhecimentos prévios acerca da escrita e da leitura. Assim, o sujeito cria ideias sobre o texto quando este não está bem claro, criando dessa forma suposições acerca do assunto lido e relacionando-as com algo que já conhece.

De acordo com Ferreiro (2011), as predições e as inferências são metodologias que o sujeito utiliza para compreender a ideia real do texto. Acontece às vezes das hipóteses criadas não estarem de acordo com a ideia central do texto, porém, é preciso que o sujeito a faça, pois, essa estratégia revela a preocupação do sujeito em compreender o texto.

> A leitura é uma conduta inteligente e o cérebro é o centro da atividade intelectual humana e do processamento de informação. O cérebro controla o olho e o dirige para que busque aquilo que espera encontrar. Desse modo, inclusive no ciclo óptico, o leitor controla ativamente o processo. Sabemos qual é informação mais útil a buscar, onde encontrá-la, e que tipo de informações devemos ignorar (FERREIRO; PALÀCIO 1987, p. 18).

Assim, a leitura é um ato louvável, uma vez que o sujeito utiliza sua capacidade mental para abstrair informações. Evidencia-se que, o cérebro ao funcionar para adquirir qualquer informação contida no texto controla sua visão no sentido de descobrir o que procura. Dessa forma, o sujeito controla o olho em direção a essa busca tendo a convicção de que a resposta encontrada será necessária descartando assim, aquilo que não lhe apresenta significado algum. Portanto, essa busca de significado útil é o processo fundamental da leitura.

Para Ferreiro e Palacio (1987, p. 86), existem alguns princípios básicos da aprendizagem da escrita e segundo a autora se classificam em três etapas.

> 1. Os princípios Funcionais desenvolvem-se à medida que a criança resolve o problema de como escrever e para que escrever. [...] 2. Os princípios linguísticos desenvolvem-se à medida que a criança resolve o problema da forma como a linguagem escrita está organizada para extrair significados na cultura. [...] 3. Os princípios relacionais desenvolvem-se à medida que a

> criança resolve o problema de como a linguagem escrita chega a ser significativa. [...]

Entende-se que os princípios funcionais referem-se à fase de desenvolvimento da escrita em que a criança está aprendendo a escrever e descobrindo a finalidade dos símbolos da escrita. Assim, à medida que descobrem o significado da escrita em sua vida, desenvolvem melhor essa função.

Referindo-se aos princípios linguísticos, a escrita desenvolve-se ao passo que a criança percebe que a estrutura da escrita representa significados de coisas presentes em seu meio e sucessivamente à medida que for praticando a escrita vai descobrindo que há regras que precisam ser consideradas.

Os princípios relacionais referem-se à descoberta que a criança faz da escrita como representação do pensamento, ou seja, a criança nesta etapa já é capaz de perceber que a escrita é a expressão das ideias.

A hipótese é que aprender a ler e a escrever e, além de disso, fazer uso da leitura e da escrita, transformam o individuo a um outro estado ou condição sob vários aspectos: social, cultural, cognitivo, linguístico, entre outros.

Desse modo, conforme a referida autora, estar alfabetizado é ser capaz de transformar sua realidade social, isto é, ter condições de adequar seus conhecimentos linguísticos em diferentes situações e contextos, porém, para o aluno aprender a escrever e ler corretamente passa antes pelo processo de alfabetização e pela prática constante de leitura e escrita na qual os textos utilizados nesse processo de aprendizagem devem ser de preferência textos que circulam no meio social, pois se torna mais fácil para a criança a compreensão da leitura quando esta está relacionada ao seu contexto social.

Complementando, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RECNEI) destaca que:

> É de grande importância o acesso, por meio da leitura pelo professor, a diversos tipos de materiais escritos, uma vez que isso possibilita às crianças o contato com práticas culturais mediadas pela escrita. Comunicar práticas de leitura permite colocar as crianças no papel de “leitoras”, que podem relacionar a linguagem com os textos, os gêneros e os portadores sobre os quais eles se apresentam: livros, bilhetes, revistas, cartas, jornais etc. (BRASIL, 1998, p. 141)

Nesse sentido, o professor precisa colocar o aluno em situações propícias à leitura, isto é, oferecer aos alunos além dos materiais escritos, momentos

permanentes de leitura, de modo que os textos a serem trabalhados estejam relacionados com aquilo que as crianças já conhecem.

As crianças iniciam a aprendizagem de ler e escrever no dia a dia e em seu próprio contexto social, as pessoas com as quais convivem as colocam em diferentes condições de aprendizagem. O fato de a família ler diariamente, ou fazer anotações de determinadas atividades diárias também possibilita à criança desenvolver suas capacidades cognitivas relacionadas à leitura e à escrita.

> Para aprender a ler e a escrever, a criança precisa construir um conhecimento de natureza conceitual: precisa compreender não só o que a escrita representa, mas também de que forma ela representa graficamente a linguagem (BRASIL, 1998, p.122).

Assim, o ensino da leitura e da escrita requer que o professor informe seus alunos sobre a importância dessa prática, pois a criança precisa saber por que aprender e para que aprender e como ela se processa, considerando que a escrita representa a fala do sujeito.

Considera-se importante também que o professor além de buscar vários meios de trabalhar a leitura com seus alunos, antes de iniciá-la, diga aos alunos a finalidade da leitura e estimule-os a criar ideias sobre o assunto do texto, antecipe o final da história ou dê novas sugestões acerca do tema estudado, pois é importante o professor utilizar esse tipo de metodologia que instigue o aluno a pensar mais rápido e mais rápido ele entenderá a ideal central do texto.

Acredita-se que o aluno aprende a ler melhor quando o texto responde às suas expectativas. Portanto, o ato de ensinar desde as primeiras palavras deve permitir o aluno questionar e expor suas ideias acerca do texto, pois essa metodologia de ensino permite o sujeito pensar sua própria realidade de vida.

3 LEITURA E ESCRITA

3.1 Concepções de leitura e escrita

A leitura e a escrita são habilidades imprescindíveis na vida do ser humano, pois possibilitam ao sujeito condições para que ele participe da vida social. “A leitura é a extensão da escola na vida das pessoas. A maioria do que se deve aprender na vida terá de ser conseguido através da leitura fora da escola. A leitura é uma herança maior do que qualquer diploma” (CAGLIARI 2009, p.130).

Desse modo, entende-se que a leitura se estende além do contexto escolar, pois para o sujeito exercer sua cidadania faz-se necessário que ele tenha domínio da leitura e compreenda o que está lendo e não apenas decifre as letras, mas interprete o que ela representa, assim estará caminhando para atuar na sociedade de forma autônoma.

> A leitura é, pois, uma decifração e uma decodificação. O leitor deverá em primeiro lugar decifrar, depois entender a linguagem encontrada, em seguida decodificar todas as implicações que o texto tem e, finalmente, refletir sobre isso e formar o próprio conhecimento e opinião a respeito do que leu (CAGLIARI, 2009, p.133).

A leitura acontece a partir da compreensão do código da escrita, ou seja, antes de o leitor interpretar o texto propriamente dito, precisa decifrar os símbolos da escrita.

Referindo-se ainda ao processo de leitura e escrita, Cagliari (2009, p. 147) reforça que:

> Escrever e ler são duas atividades da alfabetização conduzidas mais ou menos paralelamente. Ler, principalmente nos primeiros anos da escola, me parece uma atividade tão importante quanto a produção espontânea de textos, ou talvez até mais importante. No mundo em que vivemos é muito mais importante ler do que escrever.

Em resumo, tanto a leitura quanto a escrita são práticas necessárias ao sujeito e uma está diretamente ligada à outra, porém, a leitura tem um significador maior, pois o domínio de leitura facilita a vida do sujeito.

Conforme Silva (2005), a leitura e a escrita estão presentes em todas as categorias da educação e na sociedade da informação e essa presença inicia-se no período da alfabetização quando o sujeito começa a entender as mensagens contidas em um texto escrito. Depois desse período, a pessoa dá continuidade às leituras por toda sua vida.

O acesso ao conhecimento dar-se através da leitura, em especial por

meio de livros, esta é uma das necessidades do sujeito para que ele tenha uma relação com o seu mundo real.

Complementando, Silva (2005, p. 41 grifo do autor) enfatiza que:

> Leitura, enquanto uma forma de participação, somente é possível de ser realizada entre os homens. Os signos impressos, registrando as diferentes experiências humanas apenas medeiam as relações que devem existir entre os homens – relações estas que dinamizam o mundo cultural. Sendo um tipo específico de comunicação, a leitura é uma forma de encontro entre o homem e a realidade sócio-cultural; o livro (ou qualquer outro tipo de material escrito) é sempre uma emersão do homem do processo histórico, é sempre a encarnação de uma intencionalidade e, por isso mesmo, "sempre reflete o humano". Daí a necessidade de um enfoque mais específico sobre os aspectos da comunicação humana, inerentes à leitura.

A leitura e a escrita são os meios pelos quais o sujeito participa da vida social. Os registros escritos em livros, revistas, ou em outros materiais impressos revelam as experiências cotidianas do ser humano. Esses escritos são uma espécie de diálogo de um sujeito com o outro. O leitor ao ler se comunica com o escritor e passa a entender suas ideias de maneira como se ele estivesse vivenciado tais fatos. Através da leitura o homem conhece diferentes contextos históricos, diferentes épocas e, consequentemente constrói conceitos de outras culturas através da escrita, dos registros humanos.

Referindo-se às condições básicas para ler e escrever, Carvalho (2005, p. 19) destaca que estas são:

> 1. A disposição de material interessante que faça sentido para o aluno; 2. A orientação de um leitor mais experiente e compreensivo como um guia. Proponho que os professores assuma esse papel de guia esclarecido, cabendo-lhe a prerrogativa da escolha do método.

A referida autora sugere que o ensino da leitura e escrita seja desenvolvido a partir de atividades que despertem o interesse da criança. Isso significa dizer que essa prática de ensino requer que o professor utilize meios diversificados e atraentes numa perspectiva de aprendizagem, adequando metodologias dinâmicas baseadas em brincadeiras e jogos, a fim de que a criança sinta prazer em aprender.

Assim, entende-se que a ação mais adequada de ensino da leitura e escrita depende das possibilidades oferecidas à criança, a fim de que elas compreendam o sistema de leitura e escrita, pois a inserção do sujeito ao meio social depende do domínio dessas linguagens.

Para Silva (2005), a leitura é uma ação necessária a todas as áreas do

conhecimento, especificamente à própria vida do ser humano. A leitura propicia ao sujeito se situar no mundo, conhecer sua herança histórica. O aprender está intimamente ligado ao ato de ler, embora se perceba que os recursos tecnológicos são bastante utilizados na atualidade, o livro ainda é o melhor meio de construção de conhecimentos.

Nessa mesma direção, Ferreiro e Palacio (1987, p. 19) destaca que:

> A busca de significado é a característica mais importante do processo de leitura e é no ciclo semântico que tudo adquire seu valor. O significado é construído enquanto se lê, mas também é reconstruído, uma vez que devemos acomodar continuamente nova informação e adaptar nosso sentido de significado em formação. No decorrer da leitura de um texto, e inclusive logo após a leitura, o leitor está continuamente reavaliando o significado e reconstruindo-o, na medida em que obtém novas percepções. A leitura é, pois, um processo dinâmico muito ativo. Os leitores utilizam todos os seus esquemas conceptuais quando tratam de compreender.

Nesse sentido, quando se ler normalmente busca-se descobrir alguma coisa, ou seja, não se ler sem buscar algo. A leitura corresponde à construção de significados sobre o texto lido, tendo como base aquilo que o sujeito já conhece e a partir daí constrói novos conceitos a respeito daquilo que leu, relacionando com sua realidade. “Ler é buscar significado e o leitor deve ter um propósito para buscar significado no texto” (FERREIRO, 2011, p. 21).

A leitura é, portanto, uma interpretação das coisas que cercam o sujeito envolvendo diferentes conhecimentos que o leitor tem sobre o mundo, tornando-se assim, um procedimento ativo de leitura. Nesse sentido quando o leitor decifra as mensagens do texto, ele mergulha nesse mundo de leitura, buscando novos sentidos ao texto, deixando fluir suas ideias.

Complementando, Lajolo (2002, p. 7 grifo do autor) destaca que:

> Lê-se para entender o mundo, para viver melhor. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar nela.

A leitura é necessária à vida do sujeito, pois lhe permite ver o mundo de maneira crítica, possibilitando-o viver mais dignamente. Desse modo, é de suma importância compreender que na formação integral do sujeito a leitura é imprescindível, pois ela permite pensar e agir. Portanto, ler é um ato que deve acontecer não somente no contexto escolar, mas também em outros contextos.

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa,

“Leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua falada” (BRASIL 2001, p. 53).

Nesse sentido, ler é interpretar os processos que interferem na formação crítica do indivíduo, ou seja, através da leitura o indivíduo constrói e reconstrói conhecimentos, tomando consciência dos processos que ajudam ou interferem na sua formação como ser social e político. “Ler é em última instância, não só uma ponte para a tomada de consciência, mas também um modo de existir no qual o indivíduo compreende e interpreta a expressão registrada pela escrita e passa a compreender-se no mundo” (SILVA, 2005, p. 45).

A conquista da habilidade de ler e escrever são passos fundamentais para que a criança possa se lançar rumo à assimilação dos valores inerentes à sociedade aceitando-os ou questionando-os. Com a prática da leitura e escrita, o indivíduo vai reformulando as percepções do seu meio.

3.2 Importância da leitura e da escrita

A leitura e a escrita exercem um papel fundamental na vida do indivíduo, pois são responsáveis pela inserção deste na sociedade letrada. Ler implica questionar a própria realidade, refletir e criticar o mundo à sua volta, procurando solucionar os problemas existentes.

A compreensão de um texto significa relacionar o texto lido com a realidade em que o sujeito está inserido, considerando que o texto só tem sentido para o leitor quando a leitura tem sentido para ele. Destaca-se ainda que é preciso que o professor ofereça a seus alunos bons textos e que estes estejam presentes no seu cotidiano.

Silva (2005, p. 43) ressalta ainda que:

> Leitura é um dos principais instrumentos que permite ao Ser Humano situar-se com os outros, de discussão e de crítica para se poder chegar à práxis. (o contexto da maioria das escolas nacionais ainda está longe de outros recursos de conscientização – a ciência e a cultura chegam às escolas através do livro; negar isto é formar o modelo da escola ideal, mas não considerar concretamente as escolas).

Com base nas considerações do autor, conclui-se que a leitura é

imprescindível na vida do ser humano. A leitura possibilita interpretar o mundo de maneira crítica e não existe melhor instrumento de conscientização que não seja através do ato de ler.

Nessa perspectiva, cabe à escola permitir a seus alunos o acesso a diversos materiais escritos, pois nem sempre em casa eles dispõem desses materiais.

O leitor que compreende o que ler e o que escreve tem atitudes críticas diante dos problemas cotidianos, ou seja, é capaz de tomar decisões. “A leitura crítica é condição para a educação libertadora” (SILVA, 2005, p. 79).

A leitura e a escrita permitem ao ser humano viver de maneira democrática, refletindo sobre o que ele escreve e o que acontece ao seu redor, despertando sua consciência e consequentemente fazendo-o situar-se no mundo agindo na luta para uma mudança social.

Para que o sujeito possa situar-se no mundo precisa-se que ele leia e interprete os significados das mensagens contidas nos textos, é preciso que interprete o que ler, para que haja ação. Ratificando o exposto, Silva (2005, p. 95) ressalta que: “O ato de ler é uma necessidade concreta para a aquisição de significados e, consequentemente, de experiência nas sociedades onde a escrita se faz presente”.

Silva (2005) destaca ainda que o domínio da leitura e escrita é uma arma forte, pois, propicia e garante ao sujeito seu direito de participação na sociedade, principalmente nos dias atuais em que se vive a era da informação.

Desse modo, entende-se que a compreensão do texto pelo aluno é a meta mais importante no processo de leitura, descartando assim, a reprodução mecânica da escrita e leitura. Ratificando o exposto, Freire (1996, p. 69) afirma que: “A memorização mecânica do perfil do objeto não é aprendizado verdadeiro”.

Nesse contexto, compreende-se que a maneira como o professor trabalha em sala de aula faz toda diferença, o professor deve incentivar o aluno a construir seus próprios conhecimentos partindo daqueles que ele já conhece.

> O educador que respeita a leitura de mundo do educando, reconhece a historicidade do saber, o caráter histórico da curiosidade, desta forma, recusando a arrogância cientificista, assume a humildade crítica, própria da posição verdadeiramente científica. O desrespeito à leitura de mundo do educando revela o gosto elitista, portanto antidemocrático, do educador que desta forma, não escutando, com ele não fala (FREIRE, 2010, 123).

Em síntese, o autor sugere que o professor trabalhe a partir dos

conhecimentos que os alunos possuem, assim estará valorizando e estimulando o aluno para a leitura.

A leitura e a escrita precisam ser compreendidas como atividades que fazem parte da vida cotidiana do sujeito, seja no contexto escolar, seja na vida social.

> A leitura crítica é condição para a educação libertadora, é condição para a verdadeira ação cultural que deve ser implementada nas escolas. Ler é uma necessidade concreta para aquisição de significados e, consequentemente, de experiência nas sociedades onde a escrita se faz presente (SILVA, 2005, p.79).

Através da leitura e da escrita o sujeito busca apropriar-se do conhecimento, tendo em vista a possibilidade de compreensão do mundo que o cerca de maneira crítica.

Para Silva (2005), a leitura e a escrita são condições básicas para que o sujeito participe ativamente da vida social, pois ler é a reflexão da escrita com suas experiências cotidianas e isso implica o envolvimento do sujeito na busca e compreensão daquilo que ler. “A leitura se levada a efeito crítico e reflexivamente, levanta-se como um trabalho de combate à alienação, capaz de facilitar ao gênero humano a realização de sua plenitude” (SILVA, 2005, p. 22).

Portanto, a leitura constitui-se em uma atividade que ajuda o sujeito a interpretar o mundo no qual ele vive de maneira crítica.

Conforme os PCN´s de Língua Portuguesa: “A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua falada” (BRASIL, 2001, p. 53).

Portanto, ler é compreender a realidade, é interpretar os processos que interferem na formação crítica do indivíduo.

Nesse contexto, faz-se necessário que o professor compreenda os fatores que dificultam a aprendizagem da leitura e da escrita, a fim de contribuir com a formação intelectual do aluno.

4 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Os estudos sobre dificuldades de aprendizagem iniciaram-se no século XVIII com Samuel Kirk, entretanto, somente no século XX esses estudos tiveram ênfase.

Segundo Kirk (2014) dificuldade de aprendizagem refere-se a:

> [...] um atraso, desordem ou imaturidade num ou mais processo da linguagem falada, da leitura, da ortografia, da caligrafia ou da aritmética, resultantes de uma possível disfunção cerebral ou distúrbio de comportamento e não dependentes de uma deficiência mental, de uma privação sensorial, de uma privação cultural ou de um conjunto de fatores pedagógicos.

Compreende-se que a aprendizagem da criança se caracteriza como meio fundamental para a essência na vida do ser humano, tornando-se assim necessária para a construção de inúmeros aprendizados durante sua existência.

Segundo Monte e Lustosa (2012, p. 3), “a espécie humana se constitui como instância cultural e seu desenvolvimento cognitivo é inseparável dos processos sociais, devendo a aprendizagem ser compreendida em função do contexto sociocultural de que o indivíduo participa”.

Nesse enfoque, percebe-se que grande parte dos conhecimentos construídos pelos sujeitos decorrem de situações sociais diversas em que ele está inserido, revelando-se, desse modo que a interação social entre os homens é de suma importância para o desenvolvimento do mesmo.

De acordo com Pereira (2014):

> A aprendizagem humana é um processamento complexo de informações, sendo que os processos centrais são modificações e combinações que ocorrem nas estruturas cognitivas. No Brasil, cerca de 40% da população que frequentam as primeiras séries escolares tem algum tipo de dificuldade acadêmica. É importante compreender estas dificuldades de maneira a diminuir o impacto na vida do indivíduo.

Percebe-se que não é fácil a ação de desenvolvimento cognitivo do indivíduo. Há um número bastante considerável de alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem nos anos iniciais, portanto, é fundamental que o professor entenda os motivos que impedem seus alunos de se desenvolverem integralmente bem como os meios necessários de ajudar esses educandos a superar tais barreiras.

Ainda de acordo com Pereira (2014), as dificuldades de aprendizagem estão diretamente ligadas às questões escolares, inclusive, muitas até podem ser oriundas de deficiência cognitiva na qual atrasam o alcance do desenvolvimento de suas capacidades. Na sua maioria elas são decorrentes de problemas que ocorrem no próprio contexto escolar. “É importante, também, que se façam intervenções com a criança para que se aumente o repertório dela em habilidades sociais”.

Nessa perspectiva, é necessário que o educador conheça bem seu aluno para poder intervir junto a ele, pois, são vários os fatores que influenciam e contribuem para a aprendizagem do sujeito.

4.1 Fatores que dificultam a aprendizagem da leitura e da escrita

Segundo Nunes (2007), pesquisas realizadas sobre os motivos pelos quais o sujeito apresenta dificuldade em aprender a ler e escrever aponta a dislexia como um dos fatores que impede a aprendizagem do sujeito, mas para que se chegue a uma conclusão precisa, é necessário antes fazer uma avaliação sobre o nível de desenvolvimento em que se encontra o sujeito. Para a autora, esse procedimento deve levar em conta outras razões, pois o desenvolvimento de leitura e escrita é bastante complexo.

Ainda segundo Nunes (2007), a fim de entender a avaliação sobre a dificuldade de leitura no país, é preciso levar em conta que essa avaliação diagnóstica é desconhecida nas ordens propostas usadas nas escolas públicas em grande parte dos estados brasileiros.

A referida autora destaca que no estado de Pernambuco esse estudo foi realizado em alunos repetentes por várias vezes no 1° ano do Ensino Fundamental decorrentes das dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita, sendo diagnosticados por especialistas. Após serem avaliados e constatados que os mesmos não apresentam nenhum tipo de deficiência auditiva, visual ou mental, voltam para a sala comum. Os alunos que apresentam deficiência mental, visual, auditiva e múltipla são encaminhados para uma turma especial, evidenciando-se assim que: “Se a criança não apresenta nenhuma das deficiências oficialmente reconhecidas, ela não merecerá atenção especial” (NUNES, 2007, p. 86).

Segundo Jardim (2010), as dificuldades de aprendizagem são

preocupações não somente da escola, mas também da família, as dificuldades de aprendizagem podem ocorrer pela falta ou carência de oportunidade.

Segundo Jardim (2010, p. 97), para acriança que apresenta dificuldades de aprendizagem, é preciso considerar alguns pontos como: “adequada oportunidade de aprendizagem, discrepância entre o potencial de aprendizagem e os resultados escolares, disfunções no processo de informação e fatores de exclusão”.

Para o referido autor só se pode dizer que uma criança apresenta dificuldade em aprender algo se estes pontos forem considerados, ou seja, a escola precisa oferecer a todas as crianças as mesmas oportunidades de aprendizagem e considerar as especificidades de cada uma.

Complementando o exposto, Nunes (2007, p. 99) enfatiza que:

> Consideremos as desvantagens das crianças das camadas populares com respeito ao conhecimento das finalidades da leitura, às oportunidades que elas encontram em sua vida cotidiana de tornar a leitura significativa. Sabemos que as oportunidades de exposição das crianças das camadas populares à leitura são mais reduzidas em consequência de viverem em ambientes em que a leitura e a escrita não constituem instrumentos importantes, nem para o trabalho nem para a diversão, enquanto as crianças das camadas dominantes vivem em ambientes de alta valorização da leitura e da escrita.

Com base nas considerações da autora, o fator socioeconômico tem forte influência na aprendizagem de leitura e escrita, pois, as crianças de classes menos favorecidas têm pouco contato com materiais escritos e diversos, vivem em ambientes pobres de leitura, que não favorece nenhum tipo de incentivo, enquanto que a crianças abastadas tem maior contato com a leitura e escrita e consequentemente tem um melhor desempenho escolar.

Entretanto, Jardim (2010, p. 98) ressalta que:

> As crianças com dificuldades de aprendizagem, recebendo intervenções pedagógicas adequadas e enriquecidas quanto ao processo ensino – aprendizagens adquirem informação e desbloqueiam suas dificuldades, podendo modificar todo o seu potencial dinâmico de aprendizagem. Aqui podem se enquadrar também as crianças com história de repetências e privação sociocultural e as crianças com dificuldades de aprendizagem super compensadas.

Em síntese, é possível superar as dificuldades de aprendizagem se o professor utilizar metodologias adequadas e atraentes, pois, as oportunidades adequadas facilitam o aprendizado da criança, mesmo para àquelas com histórico de repetência. Portanto, a aprendizagem do aluno depende em parte do compromisso educacional.

Para Jardim (2010), os fatores de exclusão influenciam bastante na aprendizagem da criança, pois as crianças oriundas de famílias pobres, de diferenças socioculturais, deficientes auditivos, visuais, mentais e outros, sentem-se desestimuladas a aprender quando se sentem rejeitadas.

Existem várias causas pelas quais as crianças apresentam dificuldades da fala e da escrita entre elas:

> Dislalia: dificuldade de articular palavras ou atraso da fala; dislexia: dificuldade patológica de ler e compreender palavras; disgrafia: dificuldade de escrever palavras; disortografia: dificuldade ou incapacidade de transcrever corretamente a linguagem oral, havendo trocas ortográficas e confusão de letras (JARDIM 2010, p. 109).

Percebe-se que existem diversos motivos que dificultam o desenvolvimento cognitivo da criança, portanto, a escola juntamente com todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, precisa propor alternativa a fim de superar tais dificuldades.

O professor precisa ter conhecimentos teóricos necessários para ajudar seus alunos na superação de eventuais dificuldades apresentadas no contexto da sala de aula, pois o professor é fundamental nesse processo de ensino.

De acordo com Nunes (2007, p. 10), em se tratando de dificuldades de aprendizagem de leitura e escrita, destaca que:

> As crianças disléxicas são crianças cujas finalidades na aprendizagem da leitura e da escrita são muito maiores do que se esperaria a partir do seu nível intelectual. Essas crianças, embora com as mesmas oportunidades que as outras crianças têm para aprender a ler, recebendo motivação adequada, pais que as apoiam suficientemente e capacidades intelectuais normais ou até mesmo acima do normal, mostram progresso na alfabetização surpreendentemente mais lento do que o de seus amigos da mesma idade e do mesmo nível intelectual.

As crianças que apresentam grandes dificuldades de aprendizagem relacionadas à leitura precisam receber uma atenção especial por parte não só do professor, mas de todos que a rodeiam. O apoio familiar é de fundamental importância, os pais precisam de um conhecimento aprofundado sobre o assunto para poder ajudar seu filho.

O professor por sua vez também precisa entender que, às vezes, as crianças que não leem ou não compreendem o que leem não é porque não querem ou porque têm preguiça, mas sim porque deve apresentar algum tipo de dificuldade de aprendizagem e precisa de ajuda, esse entendimento é importante porque as dificuldades quando não são tratadas geram o fracasso escolar.

4.2 Das dificuldades de aprendizagem ao fracasso escolar

As dificuldades de aprendizagem do aluno sucedem o fracasso escolar e se apresenta de diversas maneiras. Geralmente, as crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem têm comportamento diferente daqueles que não apresentam dificuldades.

Roeser e Eccles (2000, apud STEVANATO, 2014) destacam que:

> As dificuldades comportamentais e emocionais, por sua vez, influenciam problemas acadêmicos e estes afetam os sentimentos e os comportamentos das crianças. Tais dificuldades podem expressar-se de forma internalizada ou externalizada. Segundo os autores, as crianças que apresentam pobre desempenho escolar e atribuem isso à incompetência pessoal apresentam sentimentos de vergonha, dúvida sobre si mesma, baixa estima e distanciamento das demandas da aprendizagem, caracterizando problemas emocionais e comportamentos internalizados.

Portanto, as crianças que apresentam problemas de comportamento emocional são prejudicadas no seu desempenho escolar. As crianças que não são bem sucedidas em seus estudos podem apresentar tanto a dificuldade de aprendizagem quanto a dificuldade de comportamento e ambas afetam o sucesso escolar.

O aluno que fracassa na escola sente-se incapaz, internalizando o sentimento de culpa, enquanto que outros colocam para fora de maneira grosseira o resultado insatisfatório de seus estudos.

> Aquelas que atribuem os problemas acadêmicos à influência externa de pessoas hostis experimentam sentimentos de raiva, distanciamento das demandas acadêmicas, expressando hostilidade em relação aos outros. Relatam ainda que os sentimentos de frustração, inferioridade, raiva e agressividade diante do fracasso escolar podem resultar também em problemas comportamentais (STEVANATO, 2014).

Dessa forma, os alunos que apresentam problemas escolares e que não conseguem bom êxito nos estudos se reprimem e se expressam de maneira comportamental agressiva com os colegas, alguns até se afastam da instituição escolar por conta do seu insucesso na escola, constatando-se assim que, o fracasso escolar altera também o comportamento do sujeito.

Referindo-se a isso, Stevanato (2014) ressalta que: “As crianças com dificuldades de aprendizagem apresentam um risco elevado de terem um autoconceito negativo, particularmente, quanto à área acadêmica”.

Ainda de acordo com Stevanato (2014), esses alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem se sobressaem bem em realizar outras atividades não

escolares, porém, as dificuldades relacionadas à leitura prejudica de maneira muito rápida a auto imagem do aluno, evidenciando assim que essa dificuldade pode prejudicar o desenvolvimento integral do sujeito.

Nessa mesma direção, Martins e Figueiredo (2014) ressaltam que:

> Dizemos que um aluno está com dificuldades de aprendizagem, quando passa a não conseguir ler, escrever, calcular ou desempenhar outras atividades escolares, com sucesso, independentemente, deste, ter ou não potencial normal ou superior para aprender.

Deste modo, compreende-se que quando o aluno não tem um bom desempenho escolar, certamente este tem dificuldades de aprendizagem, pois mesmo que este tenha qualquer tipo de deficiência, não justifica e nem impede que ela aprenda.

Martins e Figueiredo (2014) citam alguns fatores que podem influenciar no processo de aquisição de aprendizagens:

> Fatores como: o tipo de metodologia utilizada na sala de aula; currículo escolar que é oferecido aos alunos; a pouca falta de prática de alguns professores; conteúdos e exercícios inadequados; as questões orgânicas; cognitivas; afetivas/emocionais; econômico/ social/culturais pode influenciar no processo da aquisição de aprendizagens bem como também causar transtornos, primeiramente na criança, na família e depois para a escola.

Portanto, são vários os fatores que influenciam no aprendizado do aluno, entretanto, observa-se que quando o aluno tem apoio familiar e quando a escola oferece boas condições de aprendizagem ele alcança o objetivo esperado.

Desse modo, é fundamental que os envolvidos no processo de aprendizagem do aluno contribuam com ele de maneira significativa, pois, esses fatores influenciam tanto para o sucesso escolar quanto para o fracasso dependendo da forma como esses fatores interferem.

Jardim (2010, p. 14) cita algumas características de crianças com dificuldades de aprendizagem no plano educacional:

> A criança com dificuldade de aprendizagem possui, no plano educacional, um conjunto de condutas significativamente desviantes da população escolar em geral. Entretanto, não é uma criança deficiente – vê e ouve bem, comunica-se e não possui uma inferioridade mental global. Ela acusa problemas de comportamento e pouco se beneficia dos programas escolares regulares, não atingindo, muitas vezes, as exigências e os objetivos educacionais mínimos.

Nesse sentido, o aluno com dificuldades de aprendizagem apresenta diferentes tipos de comportamentos na escola, porém, não significa dizer que ele seja uma criança doente, pois todos os seus sentidos funcionam muito bem. Ele

apenas sente dificuldade em aprender as atividades escolares, não correspondendo, às vezes, as expectativas do professor em relação aos objetivos propostos.

Segundo Jardim (2010, p. 118,) são vários os fatores que influenciam nas dificuldades de aprendizagem, as causas são múltiplas e diversas.

> Qualquer criança, de qualquer classe social ou de qualquer nível econômico, pode sentir-se insegura, confusa e ameaçada pelas exigências escolares. Muitas tragédias e conflitos familiares são resultantes das dificuldades de aprendizagem na infância.

Constata-se que independente da questão econômica e social da criança, as dificuldades de aprendizagem podem surgir, pois conflitos acontecem em todo lugar e em qualquer ambiente e isso pode interferir no desempenho escolar da criança. “As avaliações escolares e as normas de eficácia e rendimento oprimem as crianças, vulnerabilizando seu potencial de aprendizagem” (JARDIM, 2010, p.119).

Nesse sentido, a escola de certa forma contribui para que os alunos apresentem certas dificuldades, pois os meios adotados por ela, às vezes, ao invés de ajudar, só dificulta. Portanto, a escola precisa rever suas práticas pedagógicas e as formas de avaliar o aluno, considerando que a avaliação escolar deve considerar vários aspectos e não somente um.

Segundo Fernandez (1991, apud FURTADO, 2014), as questões familiares provocam e muito o fracasso escolar, uma vez que esta prejudica o psicológico do aluno, atrapalhando assim, seu desenvolvimento cognitivo, social e emocional. Para compreendê-lo, a escola precisa conhecer bem o aluno e seu contexto familiar, manter com a família um vínculo afetivo com o intuito de ajudar o aluno em suas dificuldades.

Furtado (2011, p. 19), ressalta alguns fatores que devem ser levado em conta quando se refere à prática de ensino e aprendizagem.

> Quando estão localizados no aluno, as dificuldades se referem ao desenvolvimento sensório–motor, linguístico, intelectual, à motivação e às experiências anteriores que a criança adquiriu. Se estão relacionadas ao conteúdo do ensino, as dificuldades podem resultar de sua inadaptação ao sujeito, por conta do grau de dificuldade ou mesmo da linguagem ou programação que está sendo empregada no ensino desse conteúdo.

Em resumo, quando as dificuldades de aprendizagem estão no próprio aluno elas refletem em toda sua estrutura corporal, cognitiva e em seus conhecimentos prévios. Quando estas se referem ao assunto abordado em sala de aula, pode de repente ocorrer devido o nível elevado do conteúdo trabalhado. Para

tanto, o conteúdo não deve ser muito fácil e nem tão difícil, mas conforme as capacidades de cada aluno.

Por outro lado, Furtado (2011, p. 19) destaca que:

> Quando o problema está no professor, podemos constatar que as dificuldades de aprendizagem poderão ocorrer em função das inter-relações professor-aluno, e com a forma com que o professor lida com situações conflituosas dentro da sala de aula.

Entende-se que quando a dificuldade de aprendizagem apresentada pelo aluno está relacionada ao professor, pode ser consequência do mau relacionamento entre professor e aluno, pois o bom relacionamento entre professor e aluno favorece um aprendizado satisfatório.

Furtado (2011, p. 20) destaca ainda que: “[...] se a dificuldade de aprendizagem está localizada no ambiente social e físico da escola podem inferir os meios e recursos utilizados como deficientes ou insuficientes para um ensino de qualidade”.

Portanto, tanto o ambiente social quanto o contexto da escola influenciam na aprendizagem da criança. A metodologia de ensino e os recursos têm forte influência para a melhoria na qualidade do ensino.

Em síntese, a dificuldade de aprendizagem e o fracasso escolar se remetem à influência de vários fatores. Portanto, faz-se necessário compreender todos esses fatores a fim de ajudar o aluno a superar as dificuldades relacionadas ao processo de alfabetização, pois o alto índice de fracasso escolar está voltado para a carência de leitura e escrita.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo constam os resultados e análise dos dados referente à pesquisa realizada na Escola Algodão Doce[1].

A pesquisa realizada classifica-se quanto à forma de abordagem do problema como quantitativa e qualitativa, quanto aos objetivos classifica-se como exploratória e quanto à forma de abordagem do problema como pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo.

A pesquisa contou com a participação de 32 alunos do 3° ano do Ensino Fundamental e da professora da referida turma, cujo objetivo foi discutir sobre aspectos relacionados às dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita. A turma continha 32 alunos e todos participaram da pesquisa.

Quanto aos instrumentos de coleta de dados utilizou-se questionários com perguntas abertas e fechadas os quais foram aplicados com a professora e os alunos do 3º ano do Ensino Fundamental da escola citada acima.

A escolha pela turma do 3º ano deu-se pelo fato de este ser o último ano do ciclo de alfabetização no qual o aluno deve sair lendo e escrevendo convencionalmente, entretanto, sabe-se que nem sempre isso acontece.

5.1 Caracterização da escola-campo

A escola Algodão Doce funciona nos três turnos, matutino, vespertino e noturno oferecendo à comunidade o Ensino Fundamental do 1º ao 9º ano e Educação de Jovens e adultos. Atualmente a escola dispõe de uma estrutura física composta de sete salas de aula, uma secretaria, dois depósitos, dois banheiros, uma cozinha e uma área aberta.

O quadro de funcionários é composto por uma diretora geral que possui formação em Pedagogia; três assistentes de direção também licenciados em Pedagogia, vinte e dois professores dos quais somente três ainda estão cursando nível superior. A escola conta ainda com seis auxiliares de serviços gerais e três vigias.

[1] Escola Algodão doce é um nome fictício, por questões éticas o verdadeiro nome da escola foi preservado.

Maiores informações sobre a escola não foi possível porque não foi disponibilizado para estas pesquisadoras o Projeto Político Pedagógico da escola. A diretora informou que o Projeto Político Pedagógico encontrava-se em processo de atualização e, portanto, não poderia fornecê-lo.

5.2 Análise do questionário aplicado ao professor

A professora da escola pesquisada é formada em Pedagogia, possui 14 anos de docência e trabalha 20h semanalmente.

Inicialmente perguntou-se sobre como trabalha a leitura em sala de aula, a mesma respondeu: *[...] Desenvolvo atividades como: músicas, paródia, fábulas, contos, poemas, poesias, textos informativos e jogos.*

Percebe-se que a professora se esforça para despertar no aluno o interesse pela leitura, pois utiliza uma diversidade de textos e o uso de atividades lúdicas são maneiras bastante eficientes para despertar o gosto do aluno pela leitura.

Essa assertiva é ratificada nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa onde destacam que:

> Para aprender a ler, portanto, é preciso interagir com a diversidade de textos escritos, testemunhar a utilização que os já leitores fazem deles e participar de atos de leitura de fato; é preciso negociar o conhecimento que já se tem e o que é apresentado pelo texto, o que está atrás e diante dos olhos, recebendo incentivo e ajuda de leitores experientes (BRASIL, 2001, p. 56).

Desse modo, para despertar o interesse do aluno pela leitura e a compreensão daquilo que lê, faz-se necessário que o professor utilize diferentes tipologias textuais e discuta com seus alunos sobre aquilo que eles já conhecem e sobre o que o texto diz relacionando sempre com a realidade em que eles estão inseridos.

A pergunta seguinte foi referente às dificuldades relacionadas à leitura e à escrita no contexto da sala de aula, como resposta obteve-se: “[...] *enfrento muitas dificuldades pelo fato de alguns pais não acompanharem as atividades escolares de seus filhos, essa é uma questão que dificulta muito o meu trabalho”.* A professora reclama da falta de participação dos pais na vida escolar de seus filhos, isso influencia no rendimento dos alunos sem dúvida, quando a família se preocupa e se

faz presente na sua educação escolar a criança tem mais disposição em aprender.

Diante dessa situação, é importante que a escola envolva mais a família em suas ações a fim de que ela perceba a importância de sua colaboração junto às atividades escolares de seus filhos.

Sobre a importância do domínio da leitura e escrita, os PCN`s destacam que o domínio da leitura e escrita são práticas necessárias ao sujeito para que eles participem da vida social dignamente, pois é através delas que o indivíduo se relaciona com os outros (BRASIL, 2001)

Além disso, a leitura e escrita permitem que o homem se informe das notícias que circulam em seu meio e permitem que ele expresse sua opinião diante das situações cotidianas, além da construção de conhecimentos necessários para o exercício da cidadania.

Os PCN`s destacam ainda que, a leitura e a escrita desde os anos 80 têm sido destaque nas discussões, principalmente no que diz respeito à urgência na melhoria da qualidade do ensino no Brasil, uma vez que o alto índice de fracasso escolar deve-se à carência da leitura e escrita (BRASIL, 2001).

Em seguida perguntou-se sobre as estratégias utilizadas para superar as dificuldades de aprendizagens de leitura e escrita, a professora assim respondeu: [...] *procuro ter mais cuidado com os alunos que apresentam mais dificuldade, desenvolvo atividades de acordo com a carência de aprendizagem dele, por exemplo, faço leitura de vários textos e utilizo além dos textos de diferentes gêneros, jogos didáticos.*

Observa-se que a professora tenta ajudar seus alunos quando apresentam dificuldades dando a eles uma atenção especial, entretanto, sabe-se que esta não é uma tarefa fácil e que nem sempre se tem êxito. Acredita-se que a utilização de jogos e brincadeiras são recursos eficientes para ensinar a ler e a escrever, uma vez que o aluno quando estimulado é capaz de se desenvolver mais e melhor.

Observa-se que a professora utiliza os jogos como estratégias de ensino, entretanto, os jogos são recursos pedagógicos e não estratégias.

Referindo-se às estratégias de leitura, Ferreiro e Palacio (1987, p. 16), afirmam que: “O processo de leitura emprega uma série de estratégias. Uma estratégia é um amplo esquema para obter, avaliar e utilizar informação. A leitura,

como qualquer atividade humana, é uma conduta inteligente".

Nesse sentido, entende-se que o ensino de leitura envolve ações metodológicas diversificadas que contribuem significativamente com o objetivo proposto no ensino. Nessa perspectiva, a elaboração de estratégias inovadoras relacionadas ao processo de ensino da leitura acrescenta positivamente para que o aluno desenvolva suas habilidades leitoras.

Em relação aos tipos de leitura utilizados em sala de aula, comentou: [...] *Trabalho a partir de vários textos, poemas, músicas, parodias contos, versos etc.* Concorda-se que o uso de textos diversos é importante para o ensino e aprendizagem da leitura e escrita, porém, diante da resposta apresentada, percebeu-se que a professora não demonstrou clareza quanto aos tipos de leitura.

Complementando o exposto, Cagliari (2009, p. 137 grifo do autor) destaca que:

> Uma leitura pode ser ouvida, vista ou falada. Um texto escrito pode ser decifrado e decodificado por alguém que traduz o escrito numa realização de fala [...] a leitura oral é feita não somente por quem lê, mas pode ser dirigida a outras pessoas, que também "leem" o texto ouvindo-o. [...] No entanto, não há dúvidas de que a leitura visual silenciosa é muito mais comum entre as pessoas. Sua importância para a vida da maioria delas é muito maior que a dos outros tipos de leitura.

Existem várias maneiras de se ler e compreender um texto. Portanto, cabe ao professor criar diferentes formas para que o aluno possa interagir com o texto e assim desenvolver o prazer em ler.

A escrita é parte integrante do cotidiano do ser humano e encontra-se em torno das pessoas: rótulos, cartazes, produtos de uso habitual, propagandas, etc. As crianças observam como os adultos leem jornais, revistas, avisos, correspondências e como empregam a língua escrita em diversas atividades cotidianas. Todas essas experiências fazem parte do conhecimento dos alunos antes de iniciar a aprendizagem formal da leitura e da escrita, pois segundo Vygotsky (apud BURGES, 1994): "a aprendizagem da criança inicia-se muito antes de seu ingresso na escola, que todo conhecimento absorvido possui uma história que o precede".

A partir da leitura realiza-se varias atividades como a criação de desenhos, colagens e dramatizações sobre o tema principal da obra escolhida, seu cenário ou personagens. Essas atividades não deverão ser avaliadas, pois o objetivo é apenas incentivar a leitura. O professor deve ter em mente sempre que, ler também é um ato de amor.

Numa sociedade competitiva, ler e escrever bem são condições de superação de desigualdade social. Ler é compreender, interpretar, descobrir, criar e, principalmente, desfrutar do reino do conhecimento, sendo, portanto, um ato de prazer e lazer, não só um ato de superação.

A pergunta seguinte foi: “Como você desperta no aluno o gosto pela leitura”? A professora assim respondeu: [...] *Leio vários textos para prender a atenção deles, além da utilização de jogos pedagógicos.*

Vê-se que a professora considera importante o acesso a textos interessantes que despertam o gosto do aluno pela leitura. Ela, no cotidiano da sala de aula busca maneiras de despertar no aluno a vontade de aprender, acredita que as metodologias diversificadas e atraentes proporcionam ao aluno a apropriação do sistema linguístico de maneira mais significativa.

Nessa mesma direção, os PCN’s declaram que:

> Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleçam relações entre o texto que lê e outros já lidos [...] (BRASIL, 1997, p. 54).

Ensinar a criança a ler, a escrever e a se expressar de maneira competente na língua portuguesa é o um desafio, pois existem mudanças importantes sendo realizadas a todo momento, mas a verdade é que ainda há muito a fazer.

A leitura só desperta interesse quando faz sentido para o leitor e traz conceitos que se articulam com informações que já se tem.

Na sala de aula uma atividade de leitura deve ser bem planejada, o professor deve se preocupar sempre em:

- Escolher textos à altura do repertório dos alunos para que o diálogo com a leitura seja produtivo;
- Ativar o conhecimento prévio dos alunos;
- Favorecer a participação do aluno por meio de perguntas e situações em que ele tenha de fazer uso de estratégias que lhe facilitem a compreensão do texto;
- Articular diferentes situações de leitura;
- Estimular a turma a trocar ideias e discutir o que foi lido;
- Propor trabalhos em que os alunos precisem ler para seguir instruções, revisar a própria escrita, praticar a leitura em voz alta e assimilar;

- Utilizar materiais lúdicos.

Complementando o exposto, Ferreiro e Teberosky (1985, p. 37) recomendam: “é necessário que a criança desenvolva suas habilidades de leitura em contato constante com a língua usada corriqueiramente no seu cotidiano”.

Também foi perguntado se todos os alunos sabiam ler e escrever, a professora respondeu que dos *32 alunos, 12 alunos ainda não dominavam a leitura e escrita.*

Observa-se que a maioria dos alunos estão alfabetizados, isso implica dizer que a professora tem se esforçado para cumprir sua missão de educar. Entretanto, sabe-se que estar alfabetizado, ou seja, saber ler e escrever não é o suficiente, é preciso compreender e interpretar o que ler, pois não basta apenas o sujeito aprender a escrita como algo mecânico, é preciso considerar todo o contexto no qual está inserido. É preciso que o indivíduo reflita não apenas sobre os signos da escrita, mas também o que ela representa em seu contexto social.

Referindo-se a isso, Ferreiro e Palacio (1987), destacam que é de suma importância que o professor compreenda os processos de desenvolvimento da escrita e a maneira pela qual a criança aprende a ler e escrever, para que ele possa identificar e compreender os erros construtivos específicos das fases de desenvolvimento em que a criança se encontra, a fim de desafiá-la a mudar suas representações gráficas, conduzindo-a ao confronto cognitivo, isto é, fazer com que a criança mude seus esquemas assimiladores diante de um objeto de conhecimento não assimilável. A escrita segundo a autora interpreta o som da língua falada enquanto que a leitura é a compreensão da linguagem escrita.

Complementando o exposto:

> É necessário que se compreenda que leitura e escrita são práticas complementares, fortemente relacionadas, que se modificam mutuamente no processo de letramento – a escrita transforma a fala (a constituição da “fala letrada “) e a fala influencia a escrita (o aparecimento de “traços da oralidade “ nos textos escritos). São práticas que permitem ao aluno construir seu conhecimento sobre os diferentes gêneros, sobre os procedimentos mais adequados para lê-los e escrevê-los e sobre as circunstâncias de uso da escrita. (BRASIL, 2001, p. 52 grifo do autor).

Portanto, há uma estreita relação entre a leitura e a escrita, as duas são práticas indissociáveis uma vez que o sujeito para se comunicar pode utilizar tanto uma quanto a outra. Vale ressaltar que conforme os PCN`s, nem sempre o bom leitor desenvolve melhor a linguagem escrita, embora, sejam maiores as chances de desenvolvê-la. Nessa perspectiva, o ensino de língua portuguesa objetiva formar

sujeitos leitores, capazes de escrever textos com sentido e escritos corretamente (BRASIL, 2001).

Quanto à participação dos alunos durante as atividades propostas, comentou: “[...] *os alunos em sua maioria participa ativamente”*.

A professora afirma que a maioria dos alunos participa das atividades propostas pela escola, isso significa que as atividades desenvolvidas por ela despertam o interesse dos alunos. A motivação é fundamental no processo de ensino e aprendizagem, pois o aluno motivado a aprender constrói conhecimentos significativos para a sua vida.

Nessa perspectiva, ressalta-se a importância da participação da família com relação ao acompanhamento e incentivo nas atividades propostas.

Ratificando o exposto, Scoz (1994, p. 71) enfatiza que:

> A influência da família é decisiva na aprendizagem dos alunos. Os filhos de pais extremamente ausentes vivenciam sentimentos de desvalorização e carência afetiva, gerando desconfiança, insegurança, improdutividade e desinteresse, sérios osbstáculos à aprendizagem escolar.

Quando perguntada sobre as dificuldades que os alunos apresentam para ler e escrever são decorrentes de quais fatores, respondeu: “*O fator principal é a família”. O papel do professor influencia muito no incentivo de leitura e escrita da criança.*

Concorda-se com a professora quando ressalta que a família e o professor contribuem para que o aluno se torne um leitor competente, pois se o aluno for estimulado constantemente poderá adquirir o gosto pela leitura e isso é muito importante para ele. Quando escola e família trabalhando em conjunto as possibilidades de aprendizagem dos alunos crescem.

Ressalta-se ainda que a dificuldade que muitos alunos enfrentam é compreender o que leem e isso acontece até mesmo com os alunos universitários, decorrente da falta de leitura ainda no Ensino Fundamental, por essa razão o ensino de leitura e escrita nesta fase é o centro das discussões.

De acordo com os PCN’s, “As evidências de fracasso escolar apontam a necessidade da reestruturação do ensino de Língua Portuguesa com o objetivo de encontrar formas de garantir, de fato, a aprendizagem da leitura e da escrita” (BRASIL, 2001, p. 19).

Acredita-se que a prática de leitura permanente na escola, apresenta-se como uma alternativa eficiente de tornar o sujeito um leitor competente, capaz de

produzir textos com sentido. “A leitura por um lado, nos oferece a matéria prima para a escrita: o que escrever. Por outro, contribui para a construção de modelos: como escrever” (BRASIL, 2001, p. 53).

Nesse sentido, observa-se que a escrita depende da leitura e vice-versa, isto é, para que o sujeito escreva algo, precisa conectar a escrita com a leitura, uma vez que, a escrita revela o que o sujeito pensa ou fala, expressando através da escrita esse pensamento ou a fala. Assim, a escrita é a expressão daquilo que o indivíduo quer dizer, só que por meio das letras.

Em síntese, percebe-se a necessidade de a escola priorizar o ensino da leitura e escrita, condizente com as reais necessidades dos alunos uma vez que essa prática constante possibilita o aluno desenvolver suas capacidades de comunicação, expressão e acesso a sociedade do conhecimento.

5.3 Análise do questionário aplicado aos alunos

A pergunta inicial foi se os alunos gostavam de ler, 76% afirmaram que sim e 24% responderam que não.

Percebe-se que a maioria dos alunos gosta de ler e isso comprova que estes se sentem motivados evidenciando assim que a professora se esforça para desenvolver um trabalho que permite aos alunos despertar o interesse pela leitura.

> O espaço da sala de aula deve ser um espaço de formação de leitores. Um espaço, portanto, com muitas leituras. Leituras das crianças, leituras dos professores. Leituras de livros, jornais, panfletos, músicas, poesias e do que mais se tornar significativo. Leituras de vários autores e com várias intenções. É com a leitura abundante da escrita do mundo que aprendemos a ler (BRASIL, 2006, p. 93).

É importante que o espaço da sala de aula seja um ambiente agradável, que coloque o aluno nas diversas situações de leitura, de modo a favorecer a formação de leitores, pois o contato com textos diversos e metodologias diversificadas possibilita ao aluno sentir prazer pela leitura.

Ao responderem sobre os tipos de textos que eles gostavam de ler, dos 32 alunos, 44% citaram histórias em quadrinhos, contos de fadas 29%, aventuras 18% e poesias 9%.

Observou-se que existe uma preferência por parte dos alunos na leitura de histórias em quadrinhos e em contos de fada. É interessante que o professor

busque consultar o gosto de seus alunos, para então despertar o interesse do aluno pela leitura. Vale ressaltar que, os diferentes gêneros textuais devem atender às suas reais necessidades, pois mesmo que os alunos priorizem determinados tipos de textos, o professor não precisa exclusivamente trabalhar só com o que lhes agrada.

Nesse contexto, é necessário pensar no profissional de ensino que tem a tarefa de ensinar, estimular e, sobretudo, incentivar o interesse pela leitura. Para formar leitores, não meros repetidores, deve-se ter paixão pela leitura, deve-se entendê-la como fonte de prazer e sabedoria. Este é o desafio de encarar como sendo primordial e que deve ser motivo de luta por aqueles que, por razões diversas, não tiveram a oportunidade de vencê-lo.

Em seguida foi perguntado a eles se a professora incentivava-os a lerem, 82% dos alunos afirmaram que sim e 18% responderam que não.

Percebe-se que a professora compreende a necessidade de incentivar seus alunos ao hábito de ler uma vez que a maioria deles afirma que há incentivo.

Referindo-se a estratégias didáticas de incentivo à leitura, os PCN's destacam que:

> [...] a primeira e talvez a mais importante estratégia didática para a prática de leitura e o trabalho com a diversidade textual. Sem ela, pode-se até ensinar a ler, mas certamente não se formarão leitores competentes. Não se formam bons leitores oferecendo materiais de leitura empobrecidos, justamente no momento em que as crianças são iniciadas no mundo da escrita (BRASIL, 2001, p. 54).

Nessa ótica, percebe-se que a diversidade textual é de suma importância para que o leitor tenha condições de exercitar a interpretação, uma vez que a partir da compreensão que o aluno tem sobre o texto se torna capaz também de interpretar sua realidade, sem contar que o trabalho com a diversidade textual também possibilita o aluno enriquecer seu vocabulário.

Também foi perguntado aos alunos como a professora desenvolve a atividade de leitura em sala de aula, como resposta obteve-se: 30% afirmaram que a professora faz leitura coletiva, 28% afirmaram que a professora ler para os alunos, 23% responderam que ela sempre traz livros e textos variados e 19% disseram que a professora faz leitura dramatizada.

Conforme as respostas apresentadas percebe-se que a professora organiza diferentes alternativas para a prática de leitura, oferecendo diferentes tipos

de textos e diferentes maneiras para o ensino de leitura, o que torna a aula proveitosa e prazerosa.

Complementando o exposto, os PCNs afirmam que:

> A escola deve dispor de uma boa biblioteca, de um acervo de classe com livros e outros materiais de leitura, organizar momentos de leitura livre em que o professor também leia. Para o aluno, é fundamental ver o seu professor envolvido com a leitura (BRASIL, 2001, p. 58).

Compreende-se que a escola é um espaço privilegiado para desenvolver a prática de leitura, portanto, precisam rever suas condições de produção de leitura, disponibilizar os seus alunos, além de materiais escritos diversificados, espaços para induzir o aluno ao prazer de ler. Ressalta-se ainda que o professor é fundamental nesse processo uma vez que por meio de suas ações o aluno desperta o interesse pela leitura.

A última pergunta foi com relação ao incentivo dos pais com relação à leitura, 65% afirmaram que não há incentivo da família com relação à leitura e 35% disseram que sim, que a família incentiva e acompanha esse processo.

Observa-se que a maioria dos alunos não são incentivados pelos pais à prática de leitura, isso dificulta no desenvolvimento da habilidade leitora, pois acredita-se que a criança quando estimulada desde cedo pela família consequentemente desenvolverá aptidões de compreensão daquilo que ler com mais facilidade.

Escola e família são pontos de apoio e sustentação da criança. Quanto melhor for a parceria entre ambas, mais positivo e significativo serão os resultados na formação do sujeito. A participação dos pais na educação formal dos filhos deve ser constante e consciente. Vida familiar e vida escolar são simultâneas e complementares.

De acordo com Manguel (1999, p. 36): “Ler é um hábito que se adquire em casa, porque permite a conversa franca e desarmada, abre caminhos para dúvidas e esclarecer perguntas imprevisíveis que povoam o imaginário infantil”.

Pais que gostam de ler e cultivam o hábito saem ganhando. Como é natural a criança imitar a ação dos pais, ela, com certeza, ficará curiosa em saber o que eles descobrem ao folhear tantas páginas.

Em suma, percebeu que a maioria dos alunos sente necessidade do apoio familiar no que diz respeito ao convívio com a leitura, pois o hábito de ler em suas casas não é comum.

Destaca-se que a escola precisa melhorar suas estruturas, disponibilizando de uma biblioteca para que os alunos tenham alternativas de materiais impressos e possam ter acesso a eles, pois, embora a professora busque a cada dia melhorar suas metodologias a fim de dispensar o melhor ensino possível precisa do apoio de todos os segmentos escolares para que se almeje um resultado satisfatório, principalmente o apoio da família.

5 CONCLUSÃO

Esta monografia teve como objetivo refletir sobre aspectos relacionados às dificuldades de aprendizagem na aquisição da leitura e escrita no 3º ano do Ensino Fundamental.

As discussões permitiram compreender que as dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita no Ensino Fundamental são decorrentes de inúmeros fatores, dentre eles destaca-se a falta de incentivo da família.

A leitura é uma ferramenta imprescindível na vida do sujeito para que este viva dignamente em sociedade, pois é a leitura que permitirá ao sujeito atuar e transformar a sociedade na qual está inserido.

O presente trabalho permitiu refletir acerca da necessidade de se formar leitores competentes. Por leitura entende-se não só uma atividade de decodificação, mas, um processo de compreensão daquilo que se lê, portanto, é importante que o leitor esteja inserido numa comunidade de leitores, pois se aprende com o meio.

Constatou-se que a maioria dos alunos que ainda não leem convencionalmente são aqueles que não têm o acompanhamento dos pais nas atividades escolares.

Observou-se que alguns pais transferem a responsabilidade de educar para a escola e não atentam para a necessidade de que escola e família devem caminhar juntas.

Entende-se que um dos meios mais eficientes para a formação de um cidadão crítico, ativo e participativo na sociedade é através da leitura, pois, atualmente, a sociedade passa por transformações e exige que o indivíduo esteja cada vez mais informado.

É a partir da leitura e da escrita que a criança pode compreender seu próprio mundo, as práticas de leitura devem ultrapassar a memorização dos símbolos da escrita. Portanto, as dificuldades apresentadas pelos alunos, quanto à compreensão do que leem, ocasiona a dificuldade de compreender sua própria realidade.

Desse modo, os alunos precisam ser mais estimulados não somente pela escola, mas também pela família, é importante que família e escola caminhem juntas e auxiliem a criança para despertar o interesse pela leitura, uma vez que uma das

razões das dificuldades de aprendizagem é o fato de os alunos não serem estimulados a ler em casa e por não terem contato com materiais impressos em seu contexto familiar.

Nesse contexto, é preciso que a escola implante em seu espaço ações voltadas para a formação de leitores em um trabalho coletivo com a família. Acredita-se que as práticas de leitura permanentes na escola despertam no aluno o gosto pela leitura.

Considera-se importante também que o professor conheça seu aluno, conheça seus interesses e suas necessidades, pois isto é importante para o planejamento de suas atividades.

Outro fator importante para amenizar os problemas de aprendizagem é realizar uma sondagem diagnóstica para conhecer as hipóteses de escrita dos alunos. Esta sondagem deve ser realizada no início do ano e repetida periodicamente para que sejam observados os possíveis avanços dos alunos. Entretanto, ressalta-se que o conhecimento das hipóteses de escrita dos alunos não deve servir para rotulá-los.

As práticas de leitura podem ser exploradas em seus múltiplos aspectos em sala de aula, para tanto é imprescindível que todas as atividades sejam bem planejadas. O trabalho com textos diversos, oficinas de leitura, jogos e brincadeiras garantem um bom resultado, acredita-se que envolver a família nas atividades da escola surtirá um efeito ainda mais satisfatório para todos.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Língua portuguesa. Secretaria da Educação Fundamental. 3. ed., Brasília, 2001.

_____. Ministério da Educação. **Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**/Jeanete Beauchuamp, Sandra Denise Pagel, Aricelia Ribeiro do Nascimento (orgs.) Brasília: FNDE, Estação Gráfica, 2006.

_____. **Pró- letramento**: Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Series Iniciais do Ensino Fundamental: alfabetização e linguagem. – Ed. Ver. E ampl. Incluindo SAEB/Prova Brasil matriz de referencia/ Secretaria de Educação Básica – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

BURGES, T. Lev Vygotsky. In: DANIELS, Harry (Org). **Vygotsky em foco:** pressupostos e desdobramentos. Campinas, SP: Papirus, 1994.

CAGILIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. 11. Ed., São Paulo: Scipione, 2009.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar**: um diálogo entre a teoria e a prática/ Marlene Carvalho. Petropolis, Rj: Vozes, 2005.

DUARTE, Karina; ROSSI, Karla. **O processo de alfabetização da criança segundo Emília Ferreiro.** <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Pedagogia/aprocesso_alfab_ferreiro.pdf>. Acesso em: 14.03.2014.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY Ana. **Psicogênese da língua escrita.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

FERREIRO, Emília; PALACIO, Margarita Gomez. **Os processos de leitura e escrita:** novas perspectivas. Porto alegre: Artes Médicas, 1987.

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em processo.** 20. Ed., São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 45. ed. , São Paulo, Cortez, 2010.

_____. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários á pratica educativa / Paulo Freire. São Paulo; Paz e Terra, 1996

_____. **Alfabetização**: leitura da palavra e leitura do mundo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

FURTADO, Valeria Queiroz. **Dificuldades na Aprendizagem da escrita**: uma intervenção psicopedagógica via jogos de regras. 2. Ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

FURTADO, Juliana. **Professor-educador**: Uma proposta ética na educação <http://meuartigo.brasilescola.com/educacao/professoreducador-uma-proposta-etica-na-educacao.htm>. Acesso em: 20.02.2014.

JARDIM, Wagner Rogério de Sousa. **Dificuldades de aprendizagem no ensino fundamental**. São Paulo: Loyola, 2010.

KIRK, Samuel Alexander. **Educating Exceptional Children**. Boston: Hough-ton Mifflin, 1962. Disponível em:<www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413> Acesso em 14/05/2014.

LAJOLO, Marisa. **Do Mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6. Ed., São Paulo, Ática, 2002.

MANGUEL, Alberto. Ler é Poder. Páginas Amarelas. **Revista Veja.** São Paulo: Abril. p. 11-15. Julho, 1999.

MARTINS, Marlene Nunes; FIGUEIREDO, Lilia Márcia de Sousa. **Coluna**: um olhar psicopedagógico sobre dificuldades de aprendizagem. <http://www.eduvalesl.edu.br/site/?url=coluna&id=26>. Acesso em 20.03.2014.

MONTE, Patrícia Melo do Monte; LUSTOSA, Ana Valéria Marques. **A dimensão subjetiva da Aprendizagem**: contribuições da teoria histórico-cultural. <http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.11/GT_11_02_2010.pdf>. Acesso dia 28 de Agosto de 2014

NUNES, Terezinha. **Dificuldades na Aprendizagem da leitura:** teoria e pratica. 6. Ed.- São Paulo- Cortez, 2007.

PEREIRA, A. C. S. F**amília e dificuldades de aprendizagem:** uma reflexão sobre a relação pais e filhos. <http://www.proec.ufpr.br/enec2005/download/pdf/sa%dade/pdf%20saude/23%20%20fam%cdlia%20e%20dificuldades%20de%20aprendizagem%20-%20rev.pdf>. Acesso dia 28 de agosto de 2014

PIRES, Maria das Graças Pires; FERREIRA, Lúcia Garcia; LIMA, Daniel Fernandes. **Alfabetização, professor alfabetizador e prática pedagógica** <http://www.letramagna.com/Artigo10_13.pdf>. Acesso em: 14.03.2014.

SCOZ, Beatriz Judith Lima. **Psicopedagogia e realidade escolar**: o problema escolar de aprendizagem. Petropólis: Vozes, 1994.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler**: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. 10. Ed., São Paulo: Cortez, 2005.

STEVANATO, Indira. **Auto conceito de crianças com dificuldades de aprendizagem e problemas de comportamento.** **<**http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-37220030001000009&script=sci_arttext> Acesso em: 20.02.2014.

APÊNDICES

APÊNDICE A-Questionário aplicado ao professor

Dados de Identificação

Área de formação: _____Tempo de docência: _____

Carga horária semanal: _____

1. Como você trabalha a leitura em sala de aula?

2. No que se refere à leitura e escrita, quais são as dificuldades encontradas?

3 Que estratégias você utiliza para recuperar um aluno que apresenta dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita?

4. Que tipos de leitura você utiliza em sala de aula?

5. Como você procura despertar no aluno o gosto pela leitura?

6. Todos os seus alunos sabem ler e escrever?

7. Há algum aluno, em especial, que não participa, não interage com os demais durante as atividades propostas?

8. Em sua opinião, as dificuldades que os alunos apresentam para ler e escrever são decorrentes de quais fatores?

Falta de acompanhamento dos pais ( )

Falta de recursos pedagógicos ( )

Falta de paciência dos professores ( )

Falta de preparo do professor ( )

Alunos mal alfabetizados ( )

Alunos indisciplinados ( )

APÊNDICE B- Questionário aplicado aos alunos

1. Você gosta de ler?
Sim ( ) não ( )

2. Que tipo de texto você gosta de ler?
Poesias ( ) Histórias em quadrinhos ( )
Contos de fadas ( ) Aventuras ( ) Outros ( )

3. Sua professora incentiva vocês a lerem?
Sim ( ) não ( )

4. Como a professora desenvolve a atividade de leitura em sala de aula?
Ler para os alunos ( ) Traz livros e textos variados ( ) Faz leitura dramatizada ( )
Faz leitura individual ( ) Faz leitura coletiva ( )
Através do livro didático ( )

5. Seus pais incentivam vocês a lerem em casa?
Sim ( ) não ( )